



***MEMÓRIAS DA COLIGAY E O CURRÍCULO DE MASCULINIDADE DOS
TORCEDORES DE FUTEBOL***

***MEMÓRIAS DE LA COLIGAY Y EL CURRÍCULO DE MASCULINIDAD DE LOS
HINCHAS DE FÚTBOL***

COLIGAY MEMORIES AND THE FOOTBALL FANS MALE CURRICULUM

Gustavo Andrada Bandeira¹

Fernando Seffner²

RESUMO

Nos estádios de futebol existem hierarquias de gênero bastante marcadas com conteúdos específicos e que limitam as possibilidades de vivências masculinas. Neste trabalho nos propomos a dialogar com torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense para tentar mapear como esses sujeitos dialogam com o currículo de masculinidade que atravessa as práticas torcedoras. Nos interessa especialmente, tentar escutar os entendimentos dos sujeitos sobre o permitido/autorizado para masculinidades não normativas a partir das memórias da torcida homossexual Coligay. Ainda é muito cedo para saber como episódios como o reaparecimento da Coligay atravessarão o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol na Arena do Grêmio. O que parece certo é que agora, mais do que antes, há um jogo a ser jogado sobre as construções das masculinidades torcedoras nos estádios de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Currículo. Futebol. Coligay.

¹ Doutor e mestre em Educação pelo PPGEdu/UFRGS, especialista em Jornalismo Esportivo pela Fabico/UFRGS e licenciado em Pedagogia pela Faced/UFRGS. Técnico em Assuntos Educacionais na Escola de Administração/UFRGS e integrante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge).

² Professor da Faculdade de Educação da UFRGS Departamento de Ensino e Currículo. Docente e orientador junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, com ênfase temática nas pedagogias de construção das masculinidades. Docente e orientador no Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, polo UFRGS.

RESUMEN

En los estadios de fútbol existen jerarquías de género bastante marcadas con contenidos específicos y que limitan las posibilidades de vivencias masculinas. En este trabajo proponemos dialogar con hinchas de Grêmio Foot-Ball Porto Alegre para intentar mapear como estos sujetos dialogan con el currículo de masculinidad que atraviesa las prácticas del hinchar. Nos interesa especialmente, intentar escuchar los entendimientos de los sujetos sobre el permitido/autorizado para las masculinidades no normativas a partir de las memorias de la hinchada homosexual Coligay. Aún es muy temprano para saber como episodios como la reaparición de la Coligay cruzará el currículo de masculinidad de los hinchas de estadios de fútbol en la Arena de Grêmio. Lo que parece cierto es que ahora, más que antes, hay un juego a ser jugado sobre las construcciones de masculinidades torcedoras en los estadios de fútbol.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidad. Currículo. Fútbol. Coligay.

ABSTRACT

In football stadiums there are very marked gender hierarchies, and specific performances that limit male experiences. In this paper we talk with football fans of Grêmio Foot-Ball Porto Alegre to know how these subjects dialogue with the curriculum of masculinity that goes through the fan practices. We are especially interested in listening to the subjects' understanding of the allowed / authorized for non-normative masculinities from the memories of the homosexual crowd Coligay. It is too early to know how episodes such as the Coligay reappearance will cross the masculinity curriculum of football stadium fans at the Grêmio Arena. What seems certain is that now, more than ever before, there is a game to be played about the construction of the fan masculinities in football stadiums.

KEYWORDS: Masculinity. Curriculum. Football. Coligay.

* * *

Introdução

Existe certo consenso de que os esportes, como os conhecemos, são um fenômeno próprio da modernidade. Os esportes modernos, seja em sua prática ou em sua fruição, acabam sendo um espaço privilegiado de investigação sobre as masculinidades. Existem hierarquias de gênero bastante marcadas, com conteúdos específicos, abordando não apenas a predominância da masculinidade como representação legítima no espaço do futebol de espetáculo, como limitando as possibilidades de vivências dessa masculinidade.

O contexto de produções de masculinidade dos estádios de futebol é marcado por um forte heterossexismo e por manifestações constantes que desvalorizam masculinidades que fujam de representações heteronormativas, “a heterossexualidade, mais do que tomada como norma, é enfatizada como valor” (ANJOS, 2018, p. 18). As

representações de masculinidades presentes nos estádios tendem a ser heteronormativas, machistas e heterossexistas. Nos estádios, também existe de forma um tanto permanente, certa promessa de confrontos físicos. Curiosamente, neste espaço, também aparecem grandes manifestações públicas de sentimentos e de afetos masculinos.

Neste trabalho nos propomos a dialogar com torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense que frequentam a Arena do Grêmio para tentarmos mapear como esses sujeitos dialogam com o currículo de masculinidade que atravessa as práticas torcedoras. Nos interessa, especialmente, escutar os entendimentos dos sujeitos sobre o espaço permitido/autorizado para masculinidades não normativas a partir das memórias de uma torcida homossexual. Para tanto, este artigo está dividido em cinco partes. Após essa breve introdução, passamos a discutir as opções utilizadas para a construção de nosso material empírico e ilustramos nossa perspectiva teórica. Na terceira parte do texto, apresentamos o conceito de currículo de masculinidade dos torcedores de futebol de estádio. Na continuidade do trabalho, a partir da memória de uma prática de masculinidade torcedora não normativa, dialogamos com torcedores que frequentam estádio para tentarmos verificar quais as possibilidades interpretativas para essa prática. Finalizamos o trabalho com algumas conclusões provisórias e ilustrando um movimento contemporâneo que pode ajudar a desnaturalizar alguns dos entendimentos normativos no espaço do torcer no Brasil.

Percurso teórico-metodológico

Para dar conta de nossas questões, tomamos a análise cultural como procedimento analítico. Dagmar Estermann Meyer aponta que a análise cultural e a análise de discurso “permitem descrever e problematizar discursos que, imbricados, permitem aos sujeitos/instituições expressar-se de determinados modos e não de outros” (2012, p. 55). Análises culturais trabalham com interpretações de interpretações. Elas possuem um caráter histórico e provisório. Para Clifford Geertz, “a análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados” (1989, p. 30-31).

A análise cultural ganha maior relevância a partir de uma perspectiva que olha para a “centralidade da cultura” e para como esta articula diferentes pedagogias de produção de subjetividades.

(...) o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a “cultura” – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? (HALL, 1997, p. 40-41).

As manifestações dos torcedores nos estádios de futebol obedecem a indicativos coletivos. As falas ditas coletivamente pelos sujeitos anônimos, ou pelos sujeitos nomeados apenas como gremistas, auxiliam na verificação das distribuições das práticas discursivas. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p. 9). Torcer é entrar em uma ordem discursiva, e torcer em um estádio de futebol exige do sujeito que quiser essa identificação atitudes específicas.

Para a produção do material empírico, acabamos optando por realizar curtas entrevistas, mais bem entendidas como pequenos diálogos, com diferentes torcedores. Tentamos escutá-los sobre de que forma eles foram interpelados pelo currículo de torcedor de futebol e de masculinidade.

Uma interpelação é, pois, um chamamento, um enunciado que convoca o sujeito o qual pode ou não assumir a convocação. Seria como se alguém dissesse ‘ô baixinho’ e o cara se virasse e respondesse: ‘Quem? Eu?’, reconhecendo-se de algum modo naquela interpelação e assumindo-se como tal (LOURO, 2016, p. 271).

A aposta por esses diálogos se deu a partir do entendimento que as narrativas produzidas pelos sujeitos permitiriam acessar diferentes tentativas de dar inteligibilidade às práticas desenvolvidas por esses atores. Uma vez que esses encontros não foram gratuitos, alguns esforços precisaram ser feitos para que os sujeitos se sentissem autorizados a dizer alguma verdade, mesmo que esta estivesse entre aquilo que eles pretendiam dizer e o que inferiam que nós quiséssemos escutar. A aposta em conversas com pequenos grupos acabou permitindo que as falas não acabassem restringidas apenas por nossa presença. A presença de um amigo, irmão, pai ou filho também autorizava determinadas participações e, pelo contexto de sociabilidade em que foram realizadas, também nos permitiu participar do local de socialização dos torcedores. Esse diálogo, nesse espaço específico, foi pensado para provocar que os indivíduos se pensassem dentro de um sentimento de pertencimento ao coletivo de

torcedores. Mesmo que as falas fossem individuais, elas não podem ser descontextualizadas dessa pertença:

(...) não existe nenhum “eu” que possa se separar totalmente das condições sociais de seu surgimento, nenhum “eu” que não esteja implicado em um conjunto de normas morais condicionadoras, que, por serem normas, têm um caráter social que excede um significado puramente pessoal ou idiossincrático (BUTLER, 2015, p. 18).

Boa parte dos grupos abordados para os diálogos eram de torcedores que estavam tomando cerveja. Acreditávamos que essa era uma boa oportunidade de espaço, não apenas por participar de um diálogo entre torcedores, como, também, pelo tempo que os torcedores precisariam ficar antes de ingressarem no estádio. As cervejas compradas fora do estádio precisariam ser consumidas antes do acesso. A cerveja foi, em algumas situações, o marcador temporal mais preciso de nossos diálogos.

Currículos de masculinidades nos estádios de futebol

Para se tornar homem ou para conseguir apresentar uma possibilidade inteligível de vivência masculina, é necessário passar por diferentes processos pedagógicos. Aqui vale destacar o entendimento de educação neste trabalho. A educação,

(...) envolve o conjunto de processos através do qual indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura. Tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagem que hoje deriva de uma infinidade de instituições e “lugares pedagógicos” para além da família, da igreja e da escola, e engloba uma ampla e variada gama de processos educativos, incluindo aqueles que são chamados em outras teorizações de “socialização” (MEYER, 2009, p. 222).

Todo e qualquer artefato ou prática cultural apresenta um currículo (PARAÍSO, 2012). Ao olhar para o currículo de masculinidade dos torcedores de futebol, não é interessante pensar esse currículo como um percurso fechado com largada e chegada, em que completar essa trajetória seria necessário para adquirir certa habilitação ou permissão para executar uma determinada atividade. O currículo de masculinidade nos estádios de futebol seria mais produtivamente pensado como uma série de sugestões ou de indicações, algo que os sujeitos são reiteradamente incitados a fazer. Esses currículos (o plural pode ser interessante para pensar que são múltiplos, que se atravessam mutuamente e poderão ser, inclusive, contraditórios) apontam para diferentes processos

educativos, quase sempre não formais, para os sujeitos que pretendem percorrer caminhos que possam levá-los a serem entendidos como torcedores, como homens ou masculinos nesse contexto cultural específico.

O conceito pedagógico de currículo apresenta importantes produtividades para pensarmos uma prática cultural, mesmo essa estando situada fora do contexto escolar. Como cada sujeito que percorre a trajetória de um currículo possui diferentes atravessamentos identitários, e passa por distintos processos de subjetivação, que podem ampliar as experiências facilitando ou dificultando aprendizagens, não existe relação causal entre os “alvos” de um determinado currículo e seus “resultados”. Além disso, os próprios currículos nunca são homogêneos. Eles são espaços que produzem e fazem circular saberes variados, perspectivas diversas e conhecimentos múltiplos. Apesar da imprevisibilidade de como os sujeitos se apropriarão de determinados conteúdos, não podemos ignorar que todo currículo tem como objetivo um resultado, um sujeito com determinadas características, que tenha sido atravessado por uma série de aprendizagens, dentro de uma sequência planejada, de forma ordenada e, em alguma medida, com resultados mais ou menos esperados.

Não é possível entender que o futebol ou as torcidas nos estádios produzam ou veiculem um único modelo de masculinidade. Porém, “as possibilidades de ser homem são muito estreitas, há pouco espaço para a variação” (SEFFNER, 2004, p. 100). Além disso, apontar apenas que diferentes masculinidades são produzidas na cultura não pode ignorar que essas produções são legitimadas de forma desigual, “não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável” (BUTLER, 2001, p. 161).

Na construção do “mais humano” modelo de masculinidade de nossa cultura heteronormativa, especialmente os construídos pelos currículos esportivos e futebolísticos, algumas ações são importantes para que esses sujeitos sejam bem avaliados. Neste contexto, a sexualidade aparece como um conteúdo definitivo para a marcação dos sujeitos “humanos” ou “humanamente impensáveis” nos estádios de futebol (BANDEIRA, 2009). A relação se estabelece entre um “nós”, ou nossa torcida, associado a masculinidades heterossexuais, viris e guerreiras, diferente “deles”, ou da torcida deles, mais próximos das masculinidades não heterossexuais e das feminilidades.

Nos estádios de futebol, os sujeitos acabam sendo constituídos por uma série de elementos valorizados dentro da “cultura masculina”. Para Daniel Borrillo, “a competição, a forte apreensão relativamente à demonstração de vulnerabilidade, o controle dos sentimentos e a homofobia constituem os elementos que modelam o jeito de ser homem” (2010, p. 89). A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições. O que está em questão quando se aprende a jogar, ou mesmo a torcer, não são apenas as melhores maneiras de executar essas práticas, mas se está ingressando em uma instituição repleta de significados.

O conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por R. Connell, e sua implicação na produção das chamadas masculinidades subordinadas, apresenta algumas potencialidades para olharmos as masculinidades torcedoras nos estádios de futebol. Repensando o conceito com James Messerschmidt, R. Connell destaca o caráter normativo da masculinidade hegemônica

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela (2013, p. 245).

Diferentes instâncias produzem e fazem circular diferentes representações de masculinidades, que poderão ser contraditórios e que poderão trazer uma identificação momentânea e uma recusa posterior. Uma dessas instâncias são os estádios de futebol, onde os conteúdos de masculinidades são constantemente reiterados. Arlei Damo classifica o espetáculo futebolístico como um

(...) processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros (2005, p. 395).

Os estádios de futebol se constituem como um artefato cultural, eles são produzidos, são feitos e são portadores de pedagogias. Os estádios são coisas concretas, não apenas porque são feitos de concreto, mas porque se constituem como artefatos

portadores de pedagogias de gênero e de sexualidade, dentre outras pedagogias culturais. É necessário passar por diferentes processos de aprendizagens para que os sujeitos possam ser introduzidos nesse contexto cultural.

Como os torcedores dialogam com as memórias da Coligay

Dentro de diferentes disputas por significados sobre as práticas torcedoras nos estádios e uma nova mirada a partir do processo de elitização acelerado com a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil (BANDEIRA, 2019), em conjunto com a entrada em cena de discussões sobre a existência de práticas homofóbicas no futebol, foi possível constatar certo “retorno da Coligay” na memória coletiva dos torcedores do Grêmio. A Coligay reuniu entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 um grupo de torcedores identificados como homossexuais que realizaram variadas performances no estádio Olímpico e, também, em outros estádios do Rio Grande do Sul. O que chamamos de retorno da Coligay se dá a partir de materiais que passaram a ser produzidos sobre ela. Em 2014, o jornalista Léo Gerchmann lançou, pela Editora Libretos, o livro *Coligay: tricolor e de todas as cores*. Em 2016, foi ao ar, pela TVE/RS, o curta-metragem *Para o que der e vier*. O diretor e roteirista Pedro Guindani reuniu uma série de personagens que contaram histórias sobre a torcida, incluindo o autor do livro e o antigo líder da torcida, Volmar Santos. Em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Luiza Aguiar dos Anjos defendeu, sob orientação da professora Silvana Vilodre Goellner, a investigação de doutorado intitulada *De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay*. Com pressupostos da História Oral, a doutoranda utilizou materiais de jornais da época da existência da torcida e entrevistas com ex-integrantes, outros torcedores, ex-funcionários e dirigentes, além de jornalistas e ex-jogadores.

No início de 2016, foi inaugurado, na Arena do Grêmio, o Memorial Hermínio Bittencourt. Além de bolas, uniformes e troféus, o memorial também conta com painéis em homenagem à torcida e aos torcedores. Um desses painéis, intitulado *Diversidade da Alegria*, é dedicado à Coligay. Durante as décadas anteriores, trabalhos que discutiam masculinidades torcedoras nos estádios de futebol em Porto Alegre (BANDEIRA, 2009) ou o pertencimento clubístico dos torcedores do Grêmio (DAMO, 1998) ignoraram a existência da torcida. Em alguma medida, seria possível questionar se a Coligay não

fazia parte do currículo de masculinidades dos torcedores do Grêmio observadas nas décadas passadas?

Dentro do dispositivo pedagógico dos estádios de futebol, a Coligay acabou ocupando o lugar do apagamento, do desconhecimento, da ignorância. Talvez, um dos conteúdos mais significativos para as masculinidades nos estádios de futebol tenha sido, justamente, não conhecer a existência da Coligay. “Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos” (FOUCAULT, 2005, p. 30).

Existe um conjunto de torcedores que acreditava que a presença da Coligay em posição mais central na historiografia do Grêmio poderia ser positiva para o clube. Elano³ destacou que “*seria bacana para a história e sendo para ajudar o clube e o time tudo é válido*” (DC 3⁵). Rafael disse ter muito orgulho da Coligay: “*assim como eu tenho orgulho de toda a história do Grêmio. Eu acho que a Coligay naquele momento, naquele contexto histórico do Brasil ela precisava existir até para quebrar paradigmas no estádio*” (DC 11). Damián achava que a presença da Coligay no museu do Grêmio, inaugurado em fevereiro de 2016, “*é normal, tranquilo e a gente não pode apagar a nossa história. Ah, teve uma torcida que era de um gênero não tão masculino que nem o nosso, mas é a torcida do Grêmio e o Grêmio tem que acolher todo mundo*” (DC 23). Adilson acreditava que se deveria valorizar a presença da Coligay na história do clube: “*o Grêmio tem mais que se a torcida foi, tinha uma torcida, a Coligay foi fundada aqui tem mais é que ser lembrada porque o clube não tem sexo, o clube tem que ser imparcial a tudo isso*” (DC 24).

Em um exercício de imaginação, questionamos os torcedores para saber se eles entendiam que seria possível o Grêmio realizar uma apropriação da Coligay tentando trazer para suas representações a ideia de um clube mais plural e inclusivo relacionado a masculinidades não normativas. Ângelo afirmou que “*possível é, mas eu, particularmente não iria curtir a história do time ser em cima disso aí, não por um preconceito para mim não interessa se é negro, se é branco se é veado*” (DC 12). Luiz acreditava que essa positividade da Coligay “*poderia acontecer, mas eu acho que não teria aceitação pelo fato de que seria motivo de chacota dos outros*” (DC 24). Aloísio

³ Os nomes dos torcedores com os quais dialogamos ao longo da estada em campo foram substituídos para manutenção do anonimato.

⁴ As falas dos torcedores foram registradas com gravador e serão destacadas em itálico ao longo do texto.

⁵ Todas as manifestações dos torcedores compuseram nossos diários de campo. Optamos por utilizar após cada um desses trechos a sigla DC, para diário de campo, e o número do respectivo diário.

acreditava que sim, o Grêmio poderia utilizar a Coligay de maneira positiva em sua historiografia, e afirmava que “no momento que já colocaram isso no museu já é essa a intenção. Talvez, anos atrás não porque o preconceito era muito maior, mas agora tem, estão tentando reduzir isso, tirar das pessoas esse preconceito” (DC 25). Mesmo reconhecendo a provocação feita pelos rivais, Maylson entendia que “o próprio torcedor do Grêmio nisso aí iria se orgulhar, apesar da ‘folgação’ eles iriam se orgulhar porque daí iriam tirar um pouco daquela imagem racista que o gremista é e iriam levar para o outro lado” (DC 26). Danilo achava que a posituação da Coligay na história do clube era válida: “eu vejo com bons olhos isso aí, eu acho, já que o tamanho da torcida como é a do Grêmio que tem de todos foi a primeira que, pela mentalidade, foi a primeira que conseguiu absorver isso daí, na verdade diminuir o preconceito” (DC 34).

Outros torcedores eram um tanto mais céticos relativamente a possibilidade de posituação da experiência torcedora da Coligay para que o clube pudesse narrar sua história torcedora como mais tolerante ou inclusiva. Brian afirmou que “hoje não existiria a possibilidade do surgimento de uma torcida gay no Grêmio ou em qualquer outro clube, a própria rivalidade impediria. Individualmente, eu sou favorável e gostaria que uma experiência como essa acontecesse” (DC 18). Victor, amigo de Brian, entretanto, entendia que “a posituação da Coligay nunca vai acontecer e como eu tenho filho, eu acho isso bom porque eu não gostaria que meu filho crescesse vendo esse tipo de coisa porque eu sou daqueles que acreditam que homem é homem e mulher é mulher” (DC 18). Edilson respondeu que “quando eu falo com algum outro torcedor esse é um assunto que não gostam como gremista. Se os caras pudessem apagar isso aí poderia passar despercebido, não é um título que a gente gostaria de ter como o primeiro clube a mostrar que não tem preconceito” (DC 21). É interessante que mesmo nesse contexto, Edilson acreditava que não existe preconceito contra homossexuais na torcida do Grêmio: “beleza, não há preconceito, mas não precisa fazer uma torcida gay para isso” (DC 21). Essa relação entre a existência ou não de preconceito/violência em relação a torcedores homossexuais também é entendida dessa maneira pelos antigos integrantes da Coligay. Em seu trabalho sobre a torcida, Luiza Aguiar dos Anjos aponta: “Chama atenção o fato da existência de preconceito ser negada pelos ex-componentes da Coligay, mas ao mesmo tempo, de mencionarem situações em que não se sentiam seguros no ambiente futebolístico e o fato de tomarem certas precauções” (2018, p. 119).

Uma importante maneira de conhecer a Coligay é o desconhecimento. Em alguma medida, ela se construiu como tema proibido dentro da torcida do Grêmio e uma das formas mais legítimas de se relacionar com a histórica torcida é não a conhecer. Nesse contexto masculino e heteronormativo, “o lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2001, p. 30). Alex afirmou saber superficialmente e alegou não ter conhecimento. Ele acreditava que *“é um tema pouco explorado”* (DC 6). Cristian disse: *“nunca ouvi falar, mas para mim não teria problema, é livre para todo mundo. Todo mundo tem a liberdade de fazer o que quiser da sua vida ou ser contra e aí não tem problema nenhum”* (DC 10). Douglas afirmou já ter ouvido falar: *“acho que é um fato que o próprio Grêmio tentava esconder porque era outra época. Então hoje, numa época de inclusão que a gente está vivendo e tudo mais de mente aberta, os próprios clubes estão tentando trazer isso para acabar com um pouco do preconceito”* (DC 16). Facundo disse que nunca ouviu falar, mas ele acreditava que *“dentro do que vem acontecendo nos tempos atuais faz sentido porque a mídia dá espaço para isso, a imprensa dá espaço para isso, mas enfim, eu acho que tudo bem, é válido, não deve haver preconceito em relação a isso”* (DC 22).

Outra forma de acesso à existência da Coligay aparece nas piadas, geralmente realizadas pelos torcedores rivais. Rhodolfo disse: *“tive conhecimento muito mais pelas piadas dos outros do que pela história da Coligay”* (DC 11). Pedro disse que *“só ouvia as piadas dos colorados. Eu sei pouco da história, mas sei que teve uma torcida de homossexuais no Grêmio, mas não conheço a fundo a história”* (DC 13). Tiago disse já ter ouvido falar da Coligay: *“por causa dos colorados que ficaram me corneteando e aí fiquei sabendo da Coligay pelos colorados que conheciam bem a Coligay. Eles conheciam melhor do que os próprios gremistas na realidade”* (DC 15). Deivson disse que ouviu da Coligay somente *“pelos amigos colorados porque era uma coisa de chacota, mas eu acho que isso não interfere em nada”* (DC 19). Diogo também disse ter conhecido a Coligay pelas piadas: *“principalmente pela zoação dos colorados que, na minha opinião, não muda nada, na verdade deve ser um orgulho para a torcida”* (DC 32).

Outra forma de relacionamento, ou de não relacionamento, com a Coligay é ignorar a possibilidade de vivências torcedoras distintas. As distintas identidades dos sujeitos acabariam subordinadas ao “gremismo” no estádio. Hernán definiu: *“se o cara torce pelo Grêmio e é apaixonado pelo Grêmio, eu não tenho preconceito nenhum, se a*

peessoa está ali independentemente da cor, da raça que ela tem e gosta do time não tem porque banir essas pessoas do estádio” (DC 7). Alexander reforçou que o importante seria estar de acordo com as lógicas torcedoras: *“se ele estiver do lado torcendo e apoiando o Grêmio na vitória e na derrota é o que importa”* (DC 31). Rhodolfo, em um exercício sobre a interpretação que poderia ser dada em um eventual retorno da Coligay, argumentou: *“tu não tens a torcida gay do Grêmio, é uma torcida do Grêmio. Eles são gays, eles são brancos, eles são assados, ok, mas é uma torcida do Grêmio”* (DC 11). Ele reforçou que as diferentes identidades são subsumidas ao “gremismo” dentro do estádio: *“lá fora eu tenho uma vida, tu tens uma vida, cada um tem sua vida, não vou eu julgar tua vida de acordo com o que eu acho que é certo não. Aqui dentro todo mundo é gremista, são grupos que vão se reunir para torcer a favor do Grêmio”* (DC 11). Em alguma medida, uma torcida subordinada ao “torcer a favor do Grêmio”, que disfarce ou ignore suas diferenças, poderia ser bem acolhida. Esse não seria o único espaço em que homossexuais “bem-comportados” teriam mais facilidades em serem “aceitos”:

De um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, “o/a enrustido/a”. De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais (LOURO, 2001, p. 29-30).

Ao longo dos diálogos com os torcedores, realizamos um exercício para tentar verificar o que eles pensavam sobre uma eventual possibilidade de retorno da Coligay nas cadeiras da Arena. Hernán acreditava que *“seria um tapa de luva na cara de muita gente, mostrando que o futebol é um esporte coletivo, é um esporte que agrega valores e não separa”* (DC 7). Everaldo afirmou não ter nada contra, mas apontou outros atores como possíveis dificultadores desse retorno: *“se quiserem criar o que forem criar, quem frequenta, quem é torcedor, se é homossexual ou não é, não tem diferença, mas eu acho que a torcida Geral do Grêmio⁶ ia criar alguma dificuldade, algum preconceito em relação a isso”* (DC 12). Rodrigo afirmou que seria importante poder incluir um maior número de pessoas: *“a gente tem amigos gays e quando tu conseguires pegar todos os teus amigos e botar dentro do estádio aquilo ali demonstra como é forte, como o amor é único sobre isso aqui”* (DC 14). Victor acreditava que *“existem gays nas torcidas de*

⁶ Principal torcida uniformizada do Grêmio.

Grêmio e de Internacional, mas eles não se apresentam como tal. Eu acredito que se um grupo de torcedores aparecesse com faixas e bandeiras de uma torcida gay eles seriam facilmente alvo de violência física” (DC 18).

Em alguma medida, esse retorno da Coligay para a história oficial da torcida do Grêmio acaba atravessando de maneira bastante significativa o currículo de masculinidade dos torcedores gremistas. As formas de relacionamento, a positivação ou a negação da torcida, são múltiplas mostrando como essa pauta ainda ocupa um lugar de estranhamento para os sujeitos que foram interpelados pelo currículo de masculinidade dos torcedores de futebol.

Conclusão

O currículo de masculinidade dos torcedores de estádio produz uma representação do torcedor que avalia e hierarquiza a conduta de todos os sujeitos no estádio, sejam eles homens, mulheres, crianças, idosos... Essa performatividade de gênero esperada para o torcedor de futebol inclui, além da masculinidade, a heterossexualidade e o heterossexismo. A cada partida, em cada discussão, no uso de determinadas canções, nas diferentes formas de usar o corpo... o currículo de masculinidade se apresentará novamente e encontrará sujeitos torcedores que poderão ser mais ou ser menos interpelados por ele.

É interessante pensar que um sujeito interpelado por um currículo determinado, como o currículo de masculinidades do torcedor de estádio, está sendo atravessado, ao mesmo tempo, por outros currículos culturais. Quando convocado a falar sobre si mesmo, o sujeito poderá tomar sua vivência nesse contexto específico como parâmetro, mas ele não conseguirá apagar uma série de outras aprendizagens que o interpelam e o subjetivam de forma concomitante, mesmo que de maneira inconsciente. Talvez, essa abordagem possa potencializar alguns entendimentos sobre currículo para o campo da educação.

Se pensar as práticas culturais por meio do conceito de currículo, entendendo este como um percurso ou um conjunto de conteúdos ou saberes, já poderia possibilitar certa ampliação do conceito, parece-nos que tomar a ideia de que o sujeito pensado por um currículo está pensado e atravessado, também, por outros currículos, permitiria potencializar os espaços de vazamento, de resistência... Com isso, seríamos mais precisos ao tentarmos entendermos a constituição desse sujeito que se relaciona com um currículo pontual que estamos observando. Essa precisão não estaria vinculada a uma

maior exatidão, mas seria mais bem associada a certa humildade ao entender que conseguimos visualizar uma experiência bastante singela dentre tantas outras que trabalham na produção de um determinado sujeito.

Iniciamos o trabalho de campo com algumas dúvidas sobre como os torcedores receberiam o questionamento sobre a Coligay, especialmente pelo esforço histórico do clube e dos demais torcedores em apagarem a existência da Coligay das memórias vinculadas ao Grêmio. A Coligay era um tema tão difícil na torcida do Grêmio que antes da inauguração do Memorial Hermínio Bittencourt, na Arena do Grêmio, colocar a Coligay nos diálogos era algo incômodo. Tínhamos receio de sermos entendidos como torcedores rivais “infiltrados”.

Alguns torcedores positivaram a presença da Coligay. A torcida poderia melhorar a imagem do clube e da torcida, ao apresentar uma experiência de pluralidade no estádio. Outra parte dos torcedores, entretanto, tinham uma forma distinta de compreensão ou de relacionamento com a Coligay. Alguns lembraram que ela era motivo de chacota para os rivais. Um torcedor afirmou que a maioria dos torcedores não gostam dessa experiência na torcida do Grêmio e preferiam que ela não tivesse existido no clube. Algumas formas de relacionamento com a torcida mostram, também, como o conhecimento sobre esse conteúdo de masculinidade aparece para os sujeitos torcedores. O desconhecimento, ou o conhecimento por meio das piadas, brincadeiras ou provocações, circunscrevem de forma precisa o lugar que a sexualidade não normativa ainda ocupa no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol.

Ao questionarmos os torcedores se acreditavam na possível a presença de uma torcida homossexual no futebol brasileiro, alguns torcedores entendiam que essa existência seria desnecessária ou equivocada. Segundo esse raciocínio, a torcida deveria unir e não separar. No caso da torcida do Grêmio, o único ingrediente que deveria ser levado em consideração seria o gremismo. Incentivando a equipe e colaborando com o clube, os torcedores homossexuais estariam autorizados a torcer “conosco”, mas sem a necessidade de uma torcida homossexual. Esse gremismo era lido nessa chave de inteligibilidade como não possuindo marcadores de masculinidade. Em alguma medida, o currículo de masculinidade dos torcedores de estádio foi bastante competente ao participar da construção de sujeitos generificados que não percebiam os diferentes processos pedagógicos pelos quais tiveram que percorrer para se constituírem enquanto torcedores.

Nosso trabalho de campo foi finalizado em agosto de 2016. De lá para cá, as disputas pela legitimidade do autorizado ou não autorizado continuaram. Apesar da descrença de alguns torcedores, o Grêmio entrou em campo contra o Fluminense pela Copa do Brasil, no dia 17 de maio de 2017, dia mundial de combate a homofobia, com a frase “diversidade nos fortalece” às costas de seus jogadores. Em março de 2018, o Bahia criou o Núcleo de Ações Afirmativas do clube.

No início de 2019, após o título da Taça Guanabara, em fevereiro, o jogador do Vasco da Gama, Fellipe Bastos, gravou um vídeo em que repetia cânticos da torcida que chamava o Fluminense de “time de veado”. A partir das imagens, o Fluminense iniciou uma campanha a favor da diversidade em sua torcida afirmando que o tricolor carioca seria o #TIMEDETODOS. O próprio Vasco da Gama repudiou a atitude de seu jogador. A campanha do Fluminense contra a discriminação continuou na partida seguinte ao clássico. O clube estampou os dizeres #TIMEDETODOS em sua camiseta, no local historicamente reservado aos patrocinadores másters, ainda não ocupado naquele momento da temporada. O Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) do Rio de Janeiro suspendeu o jogador Fellipe Bastos por três partidas por ter realizado conduta contrária à disciplina ou à ética esportiva.

Os clubes parecem que estão entendendo seu protagonismo nesse enfrentamento. Se os torcedores do Grêmio questionavam a viabilidade de o clube querer para si a alcunha de primeiro clube tolerante em relação a sexualidade, já conseguimos visualizar o Bahia buscando o título de clube mais democrático do Brasil e o Fluminense estampando no peito seu orgulho por ser o time de todos. Até os lentos e conservadores tribunais de justiça desportiva brasileiros já se autorizam a punir um atleta por cantos homofóbicos, até então, naturalizados no cenário do futebol brasileiro.

Ainda é muito cedo para saber o que acontecerá com esse currículo de masculinidade dos torcedores de estádio de futebol na Arena do Grêmio e em outros estádios a partir dessa desnaturalização das práticas existentes. O que parece certo é que episódios como o reaparecimento da Coligay colocaram a bola no centro do campo. Agora, mais do que antes, há um jogo a ser jogado sobre as construções das masculinidades torcedoras nos estádios de futebol.

Referências

ANJOS, Luiza Aguiar do. *De “são bichas, mas são nossas” à “diversidade da alegria”*: uma história da torcida Coligay. 388 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre. 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol*. Curitiba: Appris editora, 2019.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. *“Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”*: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2001. p. 151-72.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1. Florianópolis, jan./abr., p. 241-282, 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 435 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 247 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo*. *Educação & Realidade*. Cultura, mídia e educação. FAGED/UFRGS, v.22, n.2, jul./dez., p. 15-46, 1997.

- LOURO, Guacira Lopes. Discursos de ódio. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Márcio. (Org.). *Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero*. Rio Grande: Editora da FURG; Realize Editora, 2016, p. 271-282.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-34.
- MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 47-61.
- MEYER, Dagmar Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 213-233.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 23-45.
- SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard G. (Org.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 85-104.

Recebido em outubro de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.